

A performance como dispositivo de produção do artifício em *Lady*, de Ira Sachs¹

Gabriela Machado Ramos de ALMEIDA²
Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, SP

RESUMO

O artigo apresenta uma análise do curta-metragem queer *Lady*, do cineasta estadunidense Ira Sachs (1993), escrito e protagonizado pela atriz e dramaturga lésbica Dominique Dibbell. Em diálogo com Jean Louis Comolli (2008), André Brasil (2011), Denilson Lopes (2022; 2016) e Susan Sontag (2020), propõe-se pensar a questão da auto-*mise en scène* como um problema de performance colocado pelo filme, que, a partir do corpo e da voz em cena de uma mulher nunca identificada, inscreve tanto a ficção no documentário quanto o documentário na ficção. Ao longo do texto, são estabelecidas relações entre performance, políticas de gênero e artifício para refletir sobre os modos como o filme produz, em seu projeto estético, imbricações incontornáveis entre vida e imagem a partir do encontro entre cineasta, câmera e atriz.

PALAVRAS-CHAVE: Performance; *mise en scène*; documentário; ficção; *Lady*

Nos primeiros segundos do curta-metragem *Lady* (1993), filme de estreia do cineasta *queer* estadunidense Ira Sachs, vemos um plano de detalhe da boca de uma mulher que diz, em imagens em preto e branco: “Eu vejo uma mulher de longe, no gramado. Será que ela está piscando para mim? Será que é para mim que ela sorri? E que sorriso. Tão afiado que cortaria um pão”. Essa mulher que fala, e que nunca é identificada no curta, será acompanhada em sua rotina e em sua intimidade pela equipe de *Lady*, filme cujo projeto estético se constitui a partir de uma experimentação com a linguagem audiovisual que depende fundamentalmente da performance produzida em cena pela mulher. Ainda nos créditos iniciais, antes mesmo da aparição da imagem de sua boca,

¹ Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Interseccionalidades, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing (PPGCOM ESPM). E-mail: gabriela.mralmeida@gmail.com.

somos informados de que trata-se de uma obra escrita e performada por Dominique Dibbel³.

Na medida em que acessamos o filme, entendemos que o que está em jogo é um encontro entre um cineasta, uma câmera e uma *performer* em que qualquer preocupação com a rotulação do filme como documentário ou como ficção é inviável, porque impossível. E não apenas isso: é mesmo improdutiva, uma vez que o convite do curta é justamente ao borramento dessa fronteira. A própria decisão por não situar bem essa personagem em termos históricos, sociais, econômicos e geográficos é indicativa da estratégia, ainda que as imagens permitam, em certos momentos, algumas inferências. Para o filme, no entanto, ela é apenas *Lady*.

Em diálogo com Jean-Louis Comolli, (2008) especialmente a partir do texto *Aqueles que filmamos: notas sobre a mise en scène documentária* e com André Brasil (2011), em *A performance: entre o vivido e o imaginado*, mas buscando produzir uma leitura crítica *queer* e *camp* do curta com auxílio também de Denilson Lopes (2002, 2016) e Susan Sontag (2020), gostaria de afirmar *Lady* como um filme que pode ser pensado, ao mesmo tempo, enquanto inscrição radical do documentário na ficção, e como inscrição radical da ficção no documentário, e demonstrar como essa suspensão acontece *com e em função* da performance.

A proposta do artigo é analisar o curta-metragem pensando a questão da auto-*mise en scène* (Comolli, 2008) como um *problema de performance*, colocado em marcha, nesse caso, por essa mulher desconhecida cuja legibilidade de gênero inclusive não é dada a priori e que reivindica abertamente e a todo tempo o artifício, ao mesmo tempo em que desmonta o artifício na própria cena, especialmente pelo modo como interage com o cineasta e sua equipe. Tomo artifício aqui, nos termos de Lopes (2002), como:

[...] uma categoria conceitual, sócio-histórica, estética, articuladora de diferentes produtos culturais e mediadora entre estes e a vida material, que deve ser pensada não tanto como uma simples oposição à realidade, mas como um dissolvente da dualidade real versus irreal. Ao contrário de categorias abstratas, transcendentais, definidas a priori, o artifício é uma categoria material, constituída pelas experiências individuais e coletivas, que será colocada, no momento, com especial ênfase no horizonte das experiências *queer* contemporâneas (Lopes, 2002)

³ Participante da cena de *performance art* de Nova Iorque no final dos anos de 1980, Dibbell integrou o coletivo Five Lesbian Brothers, em parceria com outras quatro artistas. Esse dado extratextual contribui para a compreensão do filme, tanto no que se refere à performance quanto à vivência lésbica da atriz.

O estudo do filme *Lady* se justifica de duas formas: na atualidade que a obra mantém, mais de três décadas após o seu lançamento, como filme *queer* protagonizado por uma mulher com rara autoconsciência performativa em um momento no qual dinâmicas de auto exposição midiática não faziam parte do cotidiano social tal qual no contexto contemporâneo pós-redes sociais digitais; e como contribuição para os estudos sobre performance no campo dos estudos brasileiros de cinema, bem como, por fim, para ajudar a suprir a lacuna existente no país de pesquisas sobre o trabalho do cineasta Ira Sachs, um dos pioneiros do *New Queer Cinema*, contemporâneo de nomes como Todd Haynes, Derek Jarman, Gregg Araki e Karim Aïnouz - com quem fundou, na virada dos anos 1990 para os anos 2000, o coletivo *Dependent cinema*⁴ - mas cuja obra praticamente não é estudada no Brasil⁵.

REFERÊNCIAS

BRASIL, André. A performance: entre o vivido e o imaginado. In: ANAIS DO 20º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, Porto Alegre. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2011. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2011/trabalhos/a-performance-entre-o-vivido-e-o-imaginado?lang=pt-br>. Acesso em 25 de junho 2024.

COMOLLI, Jean Louis. Aqueles que filmamos: notas sobre a *mise-en-scène* documentária. In: COMOLLI, Jean L. Ver e poder: a inocência perdida: cinema, televisão, ficção, documentário [seleção e organização César Guimarães, Rubens Caixeta]. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008, p. 52-60.

DE LAURETIS, Teresa. "A tecnologia de gênero". In: HOLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). Tendências e impasses: o feminismo como crítica cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242.

LOPES, Denilson. Terceiro manifesto camp. In: Lopes, D. O homem que amava rapazes e outros ensaios. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002, p. 89-120.

LOPES, Denilson. Afetos. Estudos queer e artifício na América Latina. E-Compós, 2016, São Paulo [online], v. 9, n. 2. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1251/897>. Acesso em 30 de junho de 2024.

⁴ Ver: <https://variety.com/2005/scene/markets-festivals/band-of-outsiders-1117921457/>. Acesso em 7 de junho de 2024.

⁵ Buscas no Banco de teses e dissertações da Capes, nos anais da Socine e no Google Acadêmico permitem comprovar essa afirmação com facilidade.

MARCONI, Dieison; ALMEIDA, Gabriela. “And I need you now tonight, and I need you more than ever”: romantismos de artifício no cinema brasileiro contemporâneo. *Contracampo*, 2022, Niterói, v. 41, n. 2, p. 1-14. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/52128>

PRECIADO, Paul. *Um apartamento em Urano: Crônicas da travessia*. São Paulo: 2020, Companhia das Letras.

SONTAG, Susan. Notas sobre o camp. In: SONTAG, Susan. *Contra a interpretação e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, p. 346-367.